

DANTE MOREIRA LEITE E A LITERATURA BRASILEIRA

JOSÉ ADERALDO CASTELLO*

Convidado a falar sobre a obra de Dante Moreira Leite no seu compromisso entre a psicologia e a literatura — ou entre a cultura brasileira e a psicologia? — coloco-me numa dupla posição: afetiva e intelectual. Aliás, são posições harmônicas, talvez convenha dizer posição harmoniosamente ideal. É sem dúvida a razão fundamental que me levou a aceitar o honroso convite do Prof. Dr. Arrigo Angelini, Diretor do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, nesta homenagem à memória, ou melhor, à presença de quem se recolheu ao convívio físico com todos nós.

Afetivamente, continuamos sempre os nossos diálogos costumeiros de encontros eventuais mas freqüentes. Não sei quando o conheci. A impressão que tenho é a de que sempre o conheci. Talvez seja uma conseqüência da sua extraordinária riqueza humana e irradiante simpatia. Convivemos muito tempo em salas contíguas, na antiga Maria Antônia: Literatura Brasileira vizinha da Psicologia. Convívio verdadeiramente conveniente, graças àquelas instalações precárias. Não veria no vizinho o psicólogo a quem me ligaria como amigo e explorador de sua colaboração intelectual. A psicologia, a serviço da sua atividade profissional, de pesquisador, professor, cientista, era a meu ver o caminho que havia escolhido para o enriquecimento da sua humanidade e visão do mundo, na verdade consubstanciada no universo da criação literária e artística. Parecia-me, nele, a maneira de serenamente ambicionar a plenitude daquela certeza de que o que “existe é homem humano”, conforme lhe ensinaria a literatura. Porque é dela, ou de Guimarães Rosa, que extraiu esse axioma para epígrafe do principal ensaio que nos deixou — “O caráter nacional brasileiro”.

Conheci poucas pessoas, que tão seguras na sua especialidade, no caso a psicologia, fossem ao mesmo tempo tão amplamente informadas sobre literatura, brasileira, universal. Ou melhor, fossem tão amplamente informadas sobre cultura brasileira. Daí a minha impressão de que a psicologia foi uma escolha de Dante Moreira Leite para chegar à compreensão

do homem, em particular do homem brasileiro, através da análise da literatura e das teorias ou esboços de teorias com que nós mesmos temos tentado nos explicar, em quase todo o decurso da nossa evolução. Impunha-se equacionar essas teorias, investigar a famigerada ideologia nacionalista. E ele seria de fato o primeiro a fazer, com o equilíbrio da sensibilidade, da intuição e da inteligência reflexiva, esse tipo de investigação, visando à síntese. Deixar-nos-ia também, em outros ensaios, os nossos primeiros modelos, em fecundidade de sugestões e observações penetrantes, do que se chamaria modernamente psicocrítica. E jamais seria dogmático. Entre os vários caminhos no campo da sua especialização científica, jamais forçou veredas para o vexame — quero dizer pressa — das conclusões. Exerceu sobre si mesmo uma constante auto-crítica — ou auto-análise? — que também se estende a terceiros. Até mesmo, e sobretudo, naquela sua maneira de falar, de observar, de escrever, sempre sorrindo, sorriso de crítica levemente sublinhada, na verdade expressão sutil de rápida apreensão e quase contida ironia, às vezes com o recheio de reminiscências literárias, umas sérias, outras brincalhonas.

Certa vez — não é bem verdade — várias vezes, personifiquei o papel da sedutora — a literatura, tentando convencê-lo de que devia integrar a equipe de Literatura Brasileira. — “Para quê?” — “Ora, para ensinar literatura, ou melhor, psicologia e literatura, ou por outro lado, fazer psicologia da literatura. Você é virtualmente um grande crítico literário.” Mas não estava ainda na pauta das discussões metodológicas, pelo menos entre nós, a validade ou a importância da psicocrítica. Mesmo assim consegui que ele desse, creio que o único ministrado em nossa Universidade, um curso de literatura e psicologia. E, sob o patrocínio do Conselho Estadual de Cultura, quando então Péricles Eugênio da Silva Ramos e eu recebemos o encargo de dirigir a elaboração de um dicionário de termos literários, obtivemos dele a colaboração para os termos de psicologia de aplicação na crítica literária. Guardo cartas suas — porque então ele estava trabalhando na Faculdade de Filosofia de Araraquara — dan-

* Da Universidade de São Paulo.

do-me conta do cumprimento de suas tarefas. Indiscretamente, leio uma, porque confirma aquele esboço de perfil que tentei delinear:

“Araraquara, 17 de janeiro de 1961.

Castello:

“estou enviando as palavras da letra A, depois de dolorosas lutas de consciência; sei que o estilo ainda não está suficientemente castigado. Em todo caso, você tem liberdade para suprimir as que não estiverem boas, ou os trechos que não estiverem dentro dos meus limites. Por exemplo, em *ambigüidade* passei um pouco para os limites literários, e não sei se não repeti partes de crítico. Espero as ordens para as letras B e C.

“Já se decidiu que *não* vou para Portugal, o que (me) deixa um pouco frustrado, mas também aliviado (cf. verbeta ambivalência, talvez ambigüidade — já que falamos em verbetes). Espero te encontrar aí quando estiver em São Paulo — o que deve acontecer em fevereiro. Um grande abraço amigo

Dante”

Cultura brasileira, literatura brasileira, literatura universal, com seus autores ingleses, russos e franceses preferidos, sob o ângulo de visão da psicologia, disciplinando a sensibilidade aguda, foram, portanto, a sua sedução maior. Percorro a sua bibliografia, em livros ou dispersos, e facilmente o comprovo. Detenho-me em três: *O amor romântico e outros temas*, de 1964; *Psicologia e Literatura*, como tese de livre-docência, de 1964, em livro, em 1965 — 1ª edição, e de 1967, 2ª edição; *Caráter nacional brasileiro — descrição das características psicológicas do brasileiro através de ideologia e estereótipos*, como tese de doutoramento, de 1954, com 2ª edição revista, refundida e ampliada, de 1969, agora sob o título *O caráter nacional brasileiro — História de uma ideologia*. Temos aí alguma ou muita coisa em comum, evidentemente não por méritos ou comparação da minha parte, mas ao menos, como você, Dante, gostava de dizer, “para satisfação do ego”. E neste caso, do meu ego. Pois é certo que eu o provoquei mais de uma vez, tendo a convicção da importância de seus estudos e porque desejava que elas fossem mais. Pude assim ter algum privilégio em testemunhá-los, tenha sido de maneira obscura ou pública. Mas deixo o lado afetivo da posição que ora assumo. E, sem outra pretensão que não seja a da objetividade, desejo agora ressaltar o grande mérito da sua contribuição à cultura e à literatura brasileiras.

No primeiro dos três títulos indicados, embora não tenha sido o seu primeiro livro, você reúne arti-

gos, ensaios, desenvolve reflexões que já deixaram bem evidentes a amplitude do compromisso das suas cogitações sobre as relações da psicologia com a literatura, da literatura com a psicologia, entre psicologia e literatura, sob o sacramento da cultura brasileira. *Amor romântico e outros temas*, acentua enfaticamente a diferenciação da concepção romântica de amor, da concepção moderna, sob o fundamento dos seus “amores” muito pessoais: Alencar, Guimarães Rosa, Durell e outros. Talvez por isso merecessem mesmo o título de *Amor romântico e outros amores*. Sei, não precisa sorrir, não desejo fazê-lo bigamo ou polígamo. E também sei que é do pai o direito de dar — talvez você gostasse dessa outra expressão — botar nome no filho. Mas o que eu pretendo, com esta indicação, é acentuar que aí já se encontram todas as sementes do segundo livro citado — *Psicologia e Literatura*, assim elaborado com o entusiasmo que só o amor pode inspirar.

Na coletânea do primeiro título, talvez só os dois primeiros ensaios — “O triângulo, o ciúme e a inveja” e “Teoria da ingratidão” não sejam diretamente voltados para o exemplo literário. Mas posso dizer que indireta ou diretamente todos eles se dirigem para a criação literária, narrativa ou poesia. De qualquer forma, todos esses ensaios compõem fragmentos de uma teoria psicológica da literatura, quer dizer, da criação literária, a partir de uma bibliografia do domínio da psicologia científica e mais especificamente da psicologia da obra de arte.

Servindo a todos eles, talvez o ponto de partida seja o de certas reflexões sobre a psicologia das relações interpessoais. Por exemplo, o equilíbrio do par ou “as dificuldades de equilíbrio no triângulo”, e nesse sobretudo a gênese da inveja e do ciúme⁽¹⁾ — não sei se cabe dizer que teria escapado um outro aspecto importante, machadiano, o da dúvida, embora mais existencial do que psicológico. Mas na ampliação da análise conforme teóricos que são citados, também discorre sobre a ingratidão⁽²⁾. As reflexões lúcidas de Dante Moreira Leite nos parecem esclarecedoras para um tipo de crítica literária de análise temática, é certo que já explorado, mas apenas nos limites daquilo que ele chamava “psicologia ingênua”, psicologia de superfície ou do “senso comum”. Emanações inevitáveis da dinâmica do personagem tomado como representação humana, sem dúvida a psicologia científica, aplicada a tais casos se faria esclarecedora e enriquecedora da compreensão “do caráter expressivo da literatura”, como ele o diz. Para nós, leitores leigos, do mistério humano no seu alcance existencial; para ele, do inconsciente e das tensões. Só ela mesma, a psicologia científica, abriria assim novas perspectivas,

1 O amor romântico e outros temas. S. Paulo, Cons. Est. de Cult., 1964. pp. 5 a 10.

2 Idem, pp. 11 a 15.

valendo-se, em primeiro lugar, do conceito de inconsciente. Por outro lado, se a psicologia ingênua “considera a fantasia (no romance, no cinema, no teatro) como distração, isto é, fuga da realidade cotidiana”, observa Dante Moreira Leite, ou “considera as várias formas de realismo como processos de compreensão da vida diária”, no “caso da fantasia, entretanto, não pode compreender o sentido da fuga, nem as suas várias conseqüências como solução de conflitos já existentes no indivíduo. Não pode compreender, também, a significação ou o efeito dos símbolos”⁽³⁾. E cabe, aqui, uma citação mais longa, em que fala sobre o pensamento de Freud, a propósito da literatura infantil, opondo-lhe o pensamento de Hauser:

“Para a compreensão da literatura infantil, a maior contribuição foi dada, sem dúvida alguma, por Freud e seus seguidores. Mas a psicanálise tem uma limitação muito grande, pois entende ser possível a *redução* de todas as manifestações artísticas a alguns problemas bem *primitivos* na formação da personalidade. Assim, Maria da Penha Pompeu de Toledo (1958, pág. 10 e págs. 60 e 55) liga as histórias para crianças a dois temas fundamentais: o complexo de Édipo e o de abandono. Ora, essa *sedução* psicanalítica, que se observa na análise da literatura para adultos e de outras formas de arte, parece esquecer o fundamental na literatura: a sua complexidade e a sua variabilidade (Hauser, 1959)”⁽⁴⁾.

Guiado, como se vê, pelo bom senso, não se deixa absorver por uma única tendência. É certo que reconhece, nas diversas tendências da psicologia contemporânea, o denominador comum que acentua a interpretação do “comportamento como forma de ajustamento a uma situação, ou maneira de estabelecer o equilíbrio perdido; o desequilíbrio pode ser resultante da interação com ambiente, assim como de tendências antagônicas, existentes no organismo”⁽⁵⁾. E pondera, ampliando mais a perspectiva proposta: “De outro lado, não se tem acentuado com igual vigor a idéia que o organismo também procura situações de equilíbrio ou tensão, ou a idéia de que uma situação de contínuo equilíbrio, se fosse possível, seria insuportável para o ser humano.”⁽⁶⁾ Ora, depois da análise do papel do inconsciente, essa noção de tensão, podendo alternar com a representação da vida cotidiana, com a qual, por sua vez, pode o leitor infantil, ou adulto, acrescentamos, facilmente se identificar, é a complementação do fundamento da orientação que Dante Moreira Leite

3 Idem, p. 28.

4 Idem, pp. 29-30.

5 Idem, p. 33

6 Idem, p. 33

imprimiria aos seus estudos de psicologia e literatura. E identifica-se assim, como facilmente se pode deduzir, com teorias propriamente literárias sobre a narrativa ou a ficção. Vale a pena citá-lo textualmente mais uma vez, agora em trecho decalcado na obra de Heider:

“Certamente, essa noção de tensões apresentadas pela literatura infantil não deve ser limitada a esta, mas pode ser facilmente estendida à literatura para adultos. Em ambos os casos, estamos, aparentemente, diante do mesmo processo: o enredo é a situação de desequilíbrio apresentada pelo autor e, em última análise, uma história inteiramente equilibrada, incapaz de despertar ou criar tensões, dificilmente seria apreciada (Heider, ob. cit.). No caso da criança”, — continua, mas por que não dizer também do adulto? — “é possível pensar em dois casos em que, pelo menos aparentemente, as histórias podem ser apreciadas sem que exista a criação de situações de tensão. Em primeiro lugar, o autor pode atingir o nível poético, onde o desequilíbrio parece desnecessário ou menos importante. Ainda aqui, no entanto, poder-se-ia pensar que o *nível poético* cria tensões de nível diverso do apresentado pelo *nível dramático*. Embora este aspecto não tenha sido ainda analisado, pode-se supor a criação de tensões através da poesia, ou do nível poético descritivo, onde o enredo tem importância relativamente pequena, e onde as tensões corresponderam a sugestões dadas ao leitor” “Em segundo lugar, a criança” — e novamente por que não dizer também o adulto — “tem interesse por histórias de apresentação da vida cotidiana, onde encontram heróis capazes de comportamentos iguais aos seus. Também neste nível, o desequilíbrio não é indispensável, e a criança parece apreciar, exatamente, a possibilidade de ver crianças, iguais a ela, transformadas em heróis de livros”.⁽⁷⁾

De qualquer forma, se Dante Moreira Leite procurou uma posição coerente e nela se encontrou, é verdade que daria maior ênfase, nas suas páginas de crítica, a certas posições de Freud e Jung. É assim que reconhece nos românticos, nomeadamente nos brasileiros, o poder limitado de apenas lidarem com “personagens bem definidos, moral e psicologicamente bem organizados”.⁽⁸⁾ E isso lhe conduzirá à aceitação de outra interpretação mais ou menos corrente da Literatura Brasileira, como veremos em

7 Idem, pp. 34-35.

8 Idem, p. 55.

tempo oportuno. Mas, em oposição à visão romântica, e graças, como ele diz, à “malícia freudiana”, “o homem contemporâneo rompeu as barreiras da repressão”, quando então “o bem e o mal, o ódio e o amor nem sempre são antagônicos, e são muitas vezes complementares”.⁽⁹⁾ Chega a admitir, durante o Romantismo, o “duplo padrão de moralidade”⁽¹⁰⁾ gerado pelas distinções entre o papel da mulher e o do homem, donde certas contradições nos padrões de comportamento. E sabemos, em outros termos, que é corrente na compreensão da visão romântica o equacionamento do universo afetivo individual com o sistema ético vigente, gerando tais contradições. Mas as limitações daí decorrentes levam-no à complexidade e riqueza da visão contemporânea: encontra então em obras como *Grande Sertão: Veredas*, *O quarteto de Alexandria* ou *Vida e obra de Sigmund Freud* seguida da auto-biografia *Associações livres*, estas duas últimas de Ernest Jones, matéria ampla e diversificada para estudo, reflexões e conceitos sobre ficção, biografia e autobiografia. Ou para a compreensão da “obra de arte autêntica”, “cujos temas se irradiam por todas as esferas da vida e em todas deixam a sua marca.”⁽¹¹⁾ Ou ainda para a compreensão de romance que deve ser, é, “em toda a plenitude, o mundo do herói”, o que nos faz lembrar a conceituação de um teórico moderno quando diz que o romance é o personagem.

Está evidente até aqui um campo de idéias associadas e refletidas, ao mesmo tempo anteriores e posteriores à sistematização teórica de *Psicologia e literatura*, de 1964, apresentada como tese de licenciatura na então Cadeira de Psicologia Educacional, ou na 2ª edição, de 1967. Na introdução desta segunda obra — “A psicologia como perspectiva para o estudo da literatura” em que expõe e discute o pensamento de Freud, de Jung, a teoria da *gestalt*, a teoria da personalidade, para o equacionamento da psicologia com o estudo da literatura, já se torna mais evidente aquela sua preocupação de coerência metodológica na leitura da obra literária. Novamente, para o seu estudo, invadindo o campo do que se chamaria psicocrítica, serviu-se do que lhe parecia mais adequado a partir de uma ou mais tendências da psicologia moderna. E é dessa maneira que se conduz nas três partes de que se compõe o livro — “O processo criador”, “Análise psicológica do texto”, “O leitor e o público”. Proceder com a certeza, observamos, de que a exclusividade de um método poderá determinar a crise dos próprios estudos que o impõem intransigentemente. Mas acentua, com base nas preocupações atuais, que atribuem à psicologia uma nova saída para muitas explicações, que a crítica psicológica da

obra de arte é verdadeiramente um imperativo. Pensa em termos universais, mas visa sobretudo à literatura brasileira. Parece-lhe pacífico, o que também é opinião corrente, que essa literatura, na sua maior parte, é de caráter predominantemente social. Ela acentua, freqüentemente, como é o caso do regionalismo, a descrição superficial de condições de vida, às vezes nos seus aspectos mais grosseiros. Evolui, finalmente, para a superação desse localismo limitador, aprofundando a investigação da condição humana, seja ou não num determinado espaço. É por tudo isso, quer seja no primeiro ou no segundo nível de representação, que essa literatura está a exigir que se substitua a psicologia do “senso comum” por análises mais bem orientadas psicologicamente.

O que é importante, no ensaio sobre *Psicologia e literatura* de Dante Moreira Leite, é a amplitude do debate sobre a relação da psicologia com a literatura e, daí, a validade da aplicação de tendências da psicologia científica à crítica literária. Não impõe atitude ou exemplo entre os muitos que se tornaram clássicos, conforme Freud e seus seguidores. Senhor de visão ampla, bem informada e enriquecida pelo conhecimento assimilado da literatura brasileira e, diga-se mais, equacionada com a nossa realidade, com a nossa evolução, teve assim, sobre a formação especializada, a visão da complexidade de investigações e de opções. A sua obra se torna então para o crítico, para o historiador ou para o ensaísta da literatura um campo vasto de discussão, onde nem sempre se concorda com o psicólogo, mas de qualquer forma sempre se reconhece a fecundidade da orientação. *Psicologia e Literatura* avulta, assim, como obra verdadeiramente pioneira — talvez ainda continue a ser a única — na amplitude, complexidade e sistematização da bibliografia brasileira no gênero. Única verdadeiramente na nossa crítica literária, para o que bastam os exemplos e modelos de aplicação de análise a três escritores altamente representativos — José de Alencar, Machado de Assis e Guimarães Rosa, sem levar em conta as inúmeras referências a obras e autores tanto brasileiros quanto de outras literaturas. Impossível debatê-la aqui. Retomo nesse momento os meus apontamentos da sua leitura, pelos idos de 1964, quando tive a oportunidade de discuti-la com o próprio autor. Seria matéria de longa reconstituição. Mas estou plenamente convencido do que acabo de dizer, não em louvor gratuito ou por impulso afetivo, que nunca os fiz a vivos ou mortos. Ela tem o seu papel na história das idéias críticas e da teoria literária entre nós. E papel, repito, pioneiro da maior importância, creio que infelizmente ainda não devidamente apreciado. Mas, nesse caso, é preciso relacioná-la, como também já o disse, com os ensaios reunidos em *Amor romântico e outros temas*.

E sobre estas duas obras, porque na verdade elaborado antes e refeito depois, situa-se o seu estu-

9 Idem, p. 55.

10 Idem, p. 59.

11 Idem, p. 61.

do que hoje já podemos considerar clássico sobre a cultura brasileira — *O caráter nacional brasileiro*. Sempre que tenho aos olhos este livro, penso qual teria sido a reação de um Mário de Andrade se o tivesse alcançado ainda em vida. Não porque estude Mário de Andrade, mas porque procura investigar cogitações teóricas ou posições diversas, mas intimamente entrelaçadas, que culminaram com o Modernismo. Sobretudo, com esse Modernismo do neo-nacionalismo e da brasilidade dos anos 20 a 30. Transformou, na 2ª edição, a 1ª em um novo livro, pela amplitude e novas perspectivas de enfoque. Como ele mesmo diz, acentua-se, em conclusão, que:

“As ideologias do caráter nacional brasileiro seguem bem de perto o esquema das doutrinas européias. Numa primeira fase, aparece a revelação da terra e, já no século XVIII, o sentimento nativista. Este ainda não é nacionalismo, pois revela mais a idéia de local de nascimento que a reivindicação de unidade nacional. Esta aparecerá com a Independência e o Romantismo, e neste caso acompanha o esquema estabelecido pelo romantismo alemão. Esta é uma fase de formação da nacionalidade, e de otimismo e de atribuição de traços positivos ao brasileiro, sobretudo ao índio — apresentado como símbolo da nacionalidade.

“Uma terceira fase se inicia por volta de 1880, e só terminará na década de 1950. Esta é, a rigor, a fase da ideologia do caráter nacional brasileiro. É nesse período que a teoria racial é aceita pelos autores brasileiros e aqui servirá — como inicialmente na Europa — para justificar o domínio das classes mais ricas. Além disso, as teorias raciais permitem aos ideólogos explicar o atraso do Brasil pela existência de grupos de raças *inferiores* e de mestiços. A teoria racista se reúne, nessa época, a tese do determinismo geográfico — ou antropogeográfico — que é também uma forma de racismo, pois liga o povo ao seu ambiente geográfico e à formação de um grupo social”.⁽¹²⁾

Esclarecendo, mais a seguir:

“O domínio em que o estudo do caráter nacional parece ter alguma vitalidade é o da Psicologia Social, no campo em que se denomina pesquisa intercultural”.⁽¹³⁾

Já antes, havia proposto as seguintes “fases das ideologias do caráter nacional brasileiro”:

“I — A fase colonial: descoberta da terra e o movimento nativista (1500-1822);

“II — O Romantismo: a independência política e a formação de uma imagem positiva do Brasil e dos brasileiros (1822-1880);

“III — As ciências sociais e a imagem pessimista do brasileiro (1880-1950);

“IV — O desenvolvimento econômico e a superação da ideologia do caráter nacional brasileiro: a década de 1950-1960”.⁽¹⁴⁾

Essa orientação e esse esquema partem da discussão teórica sobre os problemas das “raízes do caráter nacional”, sobre o seu conceito e a crítica a que é submetido. Caminha para a “formulação de uma nova teoria do caráter nacional”, dos seus pressupostos e preconceitos. A compreensão de teoria e de ideologia visa à definição de métodos. Nessa marcha, vê-se mais um exemplo dos procedimentos do autor, sempre a procurar apoio em ampla base, para múltiplas aberturas de escolha. E estas são várias mas talvez muito pouco variadas, de historiadores, sociólogos e antropólogos, também filósofos ou pensadores: Sílvio Romero, Afonso Celso, Euclides da Cunha, Nina Rodrigues, Oliveira Viana, Alfredo Ellis Júnior, Arthur Ramos, Manuel Bonfim, Alberto Torres, Paulo Prado, Gilberto Freire, Sérgio Buarque de Hollanda, Fernando de Azevedo, Vianna Moog, Cruz Costa, Caio Prado Júnior. Escolhas evidentemente válidas e felizes dentro da orientação seguida. Mas também não esquece, a grosso modo, o Romantismo, e aí a relação do homem com a natureza, o indianismo, a língua nacional e a luta pela abolição da escravatura, assim como ressalta um Pero Vaz de Caminha, um Anchieta ou Gregório de Matos e Guerra do período colonial.

Essa ambiciosa perspectiva estaria por isso mesmo inevitavelmente sujeita à omissão, às vezes mesmo de certas referências básicas: o esquema proposto por José de Alencar; o de José Veríssimo, que antecipa aquelas quatro fases acima propostas, naturalmente até onde a perspectiva deste historiador e crítico podia atingir; a de Capistrano de Abreu; a auto-crítica de Sílvio Romero, aquela da procura da equidistância entre otimismo romântico e pessimismo subsequente; a conceituação de nativismo em Oliveira Lima ou a posição já de nativismo ideológico, acentuando e nivelando a contribuição das três raças em Loreto Couto, este no século XVIII. E, se pensarmos que nacionalismo e brasilidade seriam posições ideológicas amplamente discutidas desde a *Revista do Brasil*, a partir de 1916 até os anos 30, pondo-se em relativa evidência Graça Aranha ou em relevo marcante Mário de Andrade, mas envolvendo

12 *Caráter nacional brasileiro*, 2ª ed. rev. refundida e ampl. S. Paulo, Liv. Pioneira Ed., 1969, pp. 328-29.

13 *Idem*, p. 328.

14 *Idem*, p. 145.

toda a geração dos anos 20, deixar-se-iam enumeradas algumas omissões, sem prejuízo, contudo, da perspectiva de Dante Moreira Leite. Mas respondo por ele: conduzido pela orientação que imprimiu ao seu trabalho, o da psicologia social, enquanto pesquisa intercultural, não poderia nem conviria se desviar tanto para a literatura ou para o intertexto. E, quando provocado por mim mesmo, lhe pedi conta não de falhas mas de tais omissões, ele por sua vez me responderia, com o grifo do seu sorriso — que não sei bem se era criticando minhas observações ou para reconhecê-las em outro sentido, paralelo quando muito aos seus objetivos — que afinal de contas fazia psicologia e não se via assim obrigado a conhecer, por exemplo, um tão desconhecido Loreto Couto. De qualquer forma ele tinha razão, como eu também, à medida que minha verdadeira intenção, sempre mantida e agora redita, era de ressaltar a riqueza de sugestões contidas em sua obra, para estudos ou pesquisas semelhantes quando não com-

plementares. E esse seu terceiro trabalho, como os demais, trazia o grande mérito e virtude de não se fechar em si mesmo, portanto, de provocar, sugerir, estimular. É certo que pela grande riqueza de conteúdo e complexidade de sugestões e perspectivas, realizou, em última análise, uma síntese ou sistematização fecunda e imparcial de sucessivas posições do pensamento brasileiro tomado como reflexão interna, ainda que, em muitos casos, esse pensamento tenha sofrido sugestões de teorias e ideologias importadas.

Dante Moreira Leite deixou-nos assim uma obra marcante, no seu todo, das mais sugestivas de uma geração que aprendeu a refletir sobre a experiência do Modernismo e sob a atuação da nossa Universidade nos anos áureos dos seus primeiros grandes resultados, 30, 40, 50. E ele, Dante Moreira Leite, é um dos seus notáveis exemplos. Desaparecido do nosso convívio, será sempre uma presença.